

J. Randall Price
EDITOR GERAL



O QUE DEVEMOS
PENSAR SOBRE
ISRAEL?

Separando os fatos da ficção
no conflito do Oriente Médio



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br



O QUE DEVEMOS
PENSAR SOBRE
ISRAEL?



J. Randall Price

EDITOR GERAL

O QUE DEVEMOS PENSAR SOBRE **ISRAEL?**

Separando os fatos da
ficção no conflito do
Oriente Médio

1ª Edição

2020



chamada

What Should We Think About Israel?
Copyright © 2019 World of the Bible
Published by Harvest House Publishers
Eugene, Oregon 97408
www.harvesthousepublishers.com

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2019 por Chamada

1ª Edição – Abril/2020

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *João Costa*

Revisão: *João Rodrigues Ferreira*

Capa e diagramação: *Stefan Yuri Wondracek*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

90830-000 – Porto Alegre – RS/Brasil

Fone: 0300 789 5152

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

-
- Q3 O que devemos pensar sobre Israel? : separando os fatos da ficção no conflito do Oriente Médio / editor J. Randall Price ; [tradução João Costa]. – 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2020.
448 p. ; 21 cm.

“Tradução de: *What should we think about Israel?*”

ISBN 978-65-990601-8-2

1. Israel (Teologia Cristã). 2. Israel – História. 3. Palestina no Cristianismo. 4. Igreja. I. Price, J. Randall. II. Costa, João. III. Título.

CDD 956.9405

*Em memória do Dr. H. L. Willmington
Amante de Sião e sua esperança profética*

SUMÁRIO

Colaboradores	9
Prefácio	15
<i>Mark Hitchcock</i>	
Apresentação	17
O Que Devemos Pensar Sobre Este Livro? <i>Randall Price</i>	
Introdução	27
Por Que Devemos Pensar Sobre Israel? <i>Mark L. Bailey</i>	

Parte 1

O Que Devemos Pensar Sobre as Políticas de Israel?

1. O Que Devemos Pensar Sobre o Movimento Sionista?	45
<i>Thomas Ice</i>	
2. O Que Devemos Pensar Sobre o Estado Moderno de Israel?	61
<i>Steven Charles Ger</i>	
3. O Que Devemos Pensar Sobre o Apoio Cristão a Israel?	79
<i>Imad N. Shehadeh</i>	
4. O Que Devemos Pensar Sobre o Direito de Israel à Terra?	95
<i>Walter C. Kaiser Jr.</i>	
5. O Que Devemos Pensar Sobre Jerusalém Como a Capital de Israel?	115
<i>Mitch Glaser</i>	
6. O Que Devemos Pensar Sobre o Monte do Templo?	133
<i>Randall Price</i>	
7. O Que Devemos Pensar Sobre as Relações Entre Judeus e Árabes?	153
<i>Tim M. Sigler</i>	
8. O Que Devemos Pensar Sobre a "Ocupação" de Israel?	177
<i>Paul Wilkinson</i>	
9. O Que Devemos Pensar Sobre a Situação dos Palestinos?	197
<i>Justin Kron</i>	

Parte 2

O Que Devemos Pensar Sobre os Problemas de Israel?

10. O Que Devemos Pensar Sobre o Holocausto?..... 219
Michael L. Brown
11. O Que Devemos Pensar Sobre o Novo Antissemitismo? 237
Olivier J. Melnick
12. O Que Devemos Pensar Sobre o Movimento Boicote,
Desinvestimento e Sanções?..... 259
Tuvya Zaretsky
13. O Que Devemos Pensar Sobre a Teologia da Substituição?..... 279
Michael J. Vlach

Parte 3

O Que Devemos Pensar Sobre as Perspectivas de Israel?

14. O Que Devemos Pensar Sobre o Papel Dos Judeus na História Mundial?..... 299
Jim Melnick
15. O Que Devemos Pensar Sobre o Futuro de Israel?..... 321
Andy Woods
16. O Que Devemos Pensar Sobre os Judeus Como um Povo Escolhido?..... 341
Arnold G. Fruchtenbaum
17. O Que Devemos Pensar Sobre Judeus Que se Tornam Cristãos?..... 361
David Brickner
18. O Que Devemos Pensar Sobre Cristãos Palestinos?..... 379
Paul Wilkinson
- Posfácio..... 399
Por Que Devemos Pensar Mais Sobre Israel
Randall Price
- Apêndice A..... 413
Entrevista com um pastor israelense sobre as relações com árabes e
cristãos árabes
Randall Price e Meno Kalisher
- Apêndice B..... 427
Diálogo sobre o pensamento a respeito de Israel
David Brickner e John Piper

COLABORADORES

Andy Woods (J.D., Whittier Law School; Ph.D., Dallas Theological Seminary) é presidente do Chafer Seminary e pastor sênior da Sugarland Bible Church, em Sugarland, Texas (EUA). É autor de vários livros sobre Israel.

Arnold G. Fruchtenbaum (Ph.D., New York University) é diretor-executivo do Ariel Ministries, em San Antonio, Texas (EUA), onde atua como professor internacional e palestrante. É autor de inúmeros livros sobre Israel e o povo judeu, além de comentários sobre o Antigo e o Novo Testamentos.

David Brickner é mestre em missiologia com ênfase em evangelismo judaico e estudos judaicos na Fuller School of World Missions. Diretor-executivo do ministério Jews for Jesus desde 1996 e autor de vários livros e publicações sobre Israel e o povo judeu.

Imad N. Shehadeh (Ph.D., Dallas Theological Seminary) tem pós-doutorado em teologia em Leuven, Bélgica, e na Universidade de Edimburgo. É fundador, presidente e professor sênior de teologia do Jordan Evangelical Theological Seminary (JETS), em Amã, Jordânia, e autor de vários artigos de revistas acadêmicas e publicações em inglês e árabe.

Jim Melnick é mestre em estudos russos pela Harvard University e Harvard Law and Business Schools e pelo US Naval War College em segurança nacional e estudos

estratégicos. Coronel aposentado da reserva do exército americano em inteligência militar, serviu como analista de aeronaves russas no Departamento de Defesa do Pentágono durante os últimos anos da Guerra Fria, com sua última missão no Gabinete do Secretário de Defesa. Depois de deixar o governo, trabalhou no setor de segurança de computadores, desenvolvendo conhecimentos sobre *hackers* russos e chineses. Em 2005, a *Businessweek* citou seu trabalho sobre ameaças cibernéticas como “algumas das análises mais incisivas do mercado, principalmente sobre *hackers* russos”. Desde 2013, Jim atua no ministério entre pastores e líderes, tanto judeus messiânicos israelenses quanto palestinos. Ele agora serve como coordenador internacional da Consulta de Lausanne sobre Evangelização de Judeus (LCJE), editor do *LCJE Bulletin*, como missionário na Life in Messiah International e presidente da Friends of Russian Jewry, Inc., onde publica um jornal messiânico em russo.

John Piper (Th.D., Ludwig-Maximilians-Universität München) é pastor emérito da Bethlehem Baptist Church e chanceler do Bethlehem College & Seminary, em Minneapolis, Minnesota (EUA). Autor prolífico, muitos de seus livros receberam o ECPA Christian Book Award.

Justin Kron estudou no Moody Theological Seminary e é cocriador e produtor de um documentário sobre o conflito no Oriente Médio. É o coordenador e fundador do Keshet Forum, um encontro interdenominacional para aqueles que estão interessados em aprender mais sobre a cultura

judaica e em construir relações com seus amigos e vizinhos judeus. Também é o diretor-fundador do eXperience Israel, um ministério de curto prazo e programa de peregrinação espiritual para jovens adultos patrocinado pelo Chosen People Ministries.

Mark Hitchcock (J.D., Oklahoma State University; Ph.D., Dallas Theological Seminary) é professor associado de Bíblia no Dallas Theological Seminary e pastor sênior da Faith Bible Church, em Edmond, Oklahoma (EUA). É conferencista internacional e autor de mais de 30 livros relacionados à profecia bíblica do fim dos tempos que, juntos, venderam mais de um milhão de exemplares.

Mark L. Bailey (Ph.D., Dallas Theological Seminary) é o presidente e professor sênior de exposição bíblica no Dallas Theological Seminary. Por mais de 40 anos, serviu na educação teológica, pastoreou várias igrejas, liderou muitas excursões a Israel e ao Oriente Médio e contribuiu para vários livros. Ele atua no conselho do ministério Jews for Jesus desde 2009.

Meno Kalisher formou-se no Friends of Israel Institute of Biblical Studies e atualmente está em um programa de doutorado no The Master's Seminary. Ele é israelense e pastor fundador da Jerusalem Assembly - House of Redemption. É autor de vários livros sobre estudos bíblicos e proféticos e produziu comentários sobre os livros de Gálatas e Tiago.

Michael J. Vlach (Ph.D., Southeastern Baptist Theological Seminary) é professor no The Master's Seminary e editor do *The Master's Seminary Journal*. Autor de vários livros sobre assuntos bíblicos e teológicos relacionados a Israel, incluindo *A Igreja Substituiu Israel?: Uma avaliação teológica* e *Dispensacionalismo: Crenças essenciais e mitos comuns*.

Michael L. Brown (Ph.D., New York University) é fundador do ICN Ministries e lecionou Antigo Testamento e apologética judaica no Trinity Evangelical Divinity School e no Fuller Theological Seminary. Dr. Brown apresenta o programa de televisão Answering Your Toughest Questions e a série animada online "AskDrBrown". Autor de vários livros e artigos, ele é considerado o principal apologeta judeu do mundo, tendo debatido com rabinos judeus, professores agnósticos e ativistas na rádio, televisão e universidades em todo o planeta.

Mitch Glaser (Ph.D., Fuller Theological Seminary) é o presidente do Chosen People Ministries. Palestra e escreve amplamente sobre o evangelismo de judeus e judaísmo messiânico. É coeditor com Darrell Bock de quatro volumes acadêmicos publicados pela Kregel Publications e é autor de inúmeros livros e artigos.

Olivier J. Melnick nasceu na França entre sobreviventes do Holocausto. Formou-se no Moody Bible Institute e atua no Chosen People Ministries e em seu conselho de

diretores francês. É palestrante internacional sobre antissemitismo moderno e pós-moderno e autor.

Paul Wilkinson (Ph.D., University of Manchester) estudou na International School of Holocaust Studies em Yad Vashem, Jerusalém, e é conferencista internacional, colaborador na mídia cristã no Reino Unido e autor.

Randall Price (Ph.D., University of Texas) é professor e pesquisador de estudos bíblicos e judaicos na Liberty University, em Lynchburg, Virgínia (EUA), e fundador e presidente do World of the Bible Ministries. Ele trabalha como arqueólogo em Israel há 20 anos e é autor de inúmeros livros sobre assuntos bíblicos e conflitos no Oriente Médio. O Dr. Price faz parte do conselho do Friends of Israel Gospel Ministry.

Steven Charles Ger (Th.M., Dallas Theological Seminary) cresceu em uma família judia. Foi educado na igreja e na sinagoga devido à sua herança distinta como cristão judeu. É fundador e diretor do Sojourner Ministries. Atuou como professor adjunto de estudos judaicos no Criswell College e lecionou no Tyndale Seminary. Atualmente, serve como pastor sênior na congregação messiânica Beth Sar Shalom. Steven é autor de vários livros e comentários sobre a Bíblia.

Thomas Ice (Ph.D., Tyndale Theological Seminary) é o cofundador e diretor-executivo do The Pre-Trib Research Center e professor de Bíblia e teologia na Calvary Univer-

sity, em Kansas City, Missouri (EUA). É autor ou coautor de inúmeros livros e artigos e conferencista internacional.

Tim M. Sigler (Ph.D., Trinity International University) é acadêmico residente em Israel pelo CJF Ministries e deão do Shepherd Theological Seminary, em Cary, Carolina do Norte (EUA). Serviu com distinção no Moody Bible Institute por 18 anos, mais recentemente como professor de estudos hebraicos e bíblicos. Forneceu oportunidades educacionais e consultoria sem fins lucrativos em Israel, Jordânia, Egito e em outros contextos internacionais. É colaborador de comentários bíblicos, dicionários e de outras publicações.

Tuvya Zaretsky (D.Miss., Western Seminary) é um dos fundadores do ministério Jews for Jesus e preside o conselho de sua filial em Tel Aviv, Israel. Atualmente, atua como presidente do Comitê Internacional de Coordenação da Consulta de Lausanne sobre Evangelização de Judeus, uma rede de agências missionárias judaicas.

Walter C. Kaiser Jr. (Ph.D., Brandeis University) é ex-presidente e professor de Antigo Testamento no Gordon-Conwell Theological Seminary, em South Hamilton, Massachusetts (EUA). Por mais de 20 anos foi o reitor acadêmico e professor de Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School. Dr. Kaiser é autor de vários livros e artigos sobre assuntos relacionados a Israel e à interpretação bíblica.

PREFÁCIO

MARK HITCHCOCK

Os dias em que vivemos são perigosos! As nuvens de tempestade estão se aproximando. Está relampejando – e o para-raios é Israel. Os cristãos não podem negar ou ignorar o significado da nação de Israel... Os olhos do mundo inteiro estão sobre o minúsculo Estado de Israel, e seus olhos precisam estar lá também, porque os judeus e Israel são o povo e a terra do destino. O que acontece com os judeus acontece com o mundo. Israel é o critério de Deus. Israel é a vara de medição de Deus. Israel é o plano de Deus. Israel é o programa de Deus para o que ele está fazendo no mundo.¹

Os olhos do mundo estão em Israel, e nossos olhos também precisam estar lá. Qualquer que seja sua denominação, associação ou formação teológica, você deve se preocupar com o que a Bíblia diz sobre o presente e o futuro de Israel no plano de Deus para as eras. Israel é mencionado mais de 2 500 vezes na Bíblia. Após quase 2 000 anos de dispersão em mais de setenta nações, o Estado moderno de Israel foi fundado em 1948, e o povo judeu ainda está sendo reintegrado à sua antiga terra natal.

O que devemos pensar sobre Israel? Não é uma pergunta fácil de responder, porque há muitas outras perguntas relacionadas a ela – sobre as relações entre árabes e judeus, o

1 Adrian Rogers, *Unveiling the End Times in Our Time* (Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2004).

monte do Templo, o antissemitismo e muito mais. Infelizmente, as respostas a essas perguntas estão muitas vezes escondidas sob pilhas de políticas, opiniões pessoais, presunções, preconceitos e provocações. O revisionismo histórico obscurece o passado e confunde o presente. Discussões sobre Israel geralmente geram grande calor, mas pouca luz. Hoje em dia, cada vez mais Israel é demonizado a todo momento – mesmo pelos cristãos evangélicos. Em quem e em que devemos acreditar? Onde podemos obter mais luz? *O que devemos pensar sobre Israel?*

Finalmente há um livro equilibrado que examina de forma apaixonada, e concomitantemente objetiva e cuidadosa, as evidências bíblicas para responder a essa pergunta e fornecer conclusões sólidas e bem pesquisadas. Os autores deste livro compartilham uma abordagem simples e direta – eles interpretam o texto das Escrituras através das lentes de um método consistente e literal de interpretação. Usando essa abordagem, eles habilmente nos guiam pelo labirinto moderno de confusão que cerca as questões importantes de hoje sobre o povo judeu e a terra de Israel.

Embora tenha estudado extensivamente esse assunto, aprendi bastante com este livro. Na verdade, é o melhor livro que li sobre o tema. Não posso recomendá-lo de forma elevada o bastante.

Este livro irá desafiá-lo. Ele conectará você ao plano de Deus para o povo judeu. E pode até convencê-lo. Porém, o mais importante é que você será chamado a reconhecer o Deus que cumpre as alianças e que é fiel a todas às suas promessas, incluindo aquelas feitas ao povo de Israel.

APRESENTAÇÃO

O Que Devemos Pensar Sobre Este Livro?

RANDALL PRICE

No grupo de publicações sobre o Oriente Médio, este livro é diferente. Ele expõe as principais questões de conflito e controvérsia, fornece fatos objetivos e permite que os leitores examinem seus próprios sistemas de crenças e opiniões sobre os assuntos apresentados. Os colaboradores são de origens americana, europeia, judaica e árabe, morando em vários países do Oriente Médio, bem como na Europa e nos Estados Unidos, e representam diferentes disciplinas acadêmicas, religiosas e políticas. A maioria já publicou anteriormente sobre seus tópicos e alguns são líderes reconhecidos em seu campo. O objetivo unificador é que este livro sirva como um recurso prático que ajude os leitores não apenas a saber o que pensar, mas a fazê-lo de maneira totalmente esclarecida.

Quando alguém ouve a palavra *Israel*, o que ele deve pensar? Um blog afirma:

Israel. O próprio nome significa coisas diferentes para pessoas diferentes. É uma localização geográfica: a terra antiga dos israelitas, bem como uma nação mediterrânea moderna. É um povo: praticantes do judaísmo que se veem como descendentes do Jacó bíblico. É um tópico político polêmico, uma pátria, um destino de férias e – talvez o mais significativo – é o lugar para onde três das principais religiões do mundo convergem, criando um

palimpsesto da história que é um dos mais ricos e complexos do mundo.¹

Com tantas opções em relação a um só lugar, pode ser considerado impossível sugerir o que alguém deveria pensar sobre Israel! Mas esse é o objetivo deste livro, e nele queremos conectar o antigo Israel (o lugar e o povo) e as promessas antigas feitas aos judeus (em distinção das outras duas religiões que fizeram sua reivindicação lá) com o Israel moderno (novamente, o lugar e o povo) e as controvérsias e os conflitos que existem como resultado do retorno do povo judeu à terra.

O foco deste livro

Nosso foco principal será o papel de Israel nos conflitos do Oriente Médio e as controvérsias teológicas e práticas que resultaram disso. Em cada capítulo, este livro fará uma pergunta sobre como devemos pensar sobre Israel e certas questões específicas que afetam a vida de milhões de pessoas no Oriente Médio, bem como daqueles que vivem no Ocidente. Enquanto Israel continua sendo nosso assunto, não esquecemos a população árabe que vive em Israel como concidadãos do povo judeu, a população palestina que compartilha as fronteiras de Israel e o mundo árabe que compartilha a preocupação de como o resto do mundo, especialmente o Ocidente, pensa sobre Israel. Dentro

1 “Israel: An Archaeological Journey”, *Biblical Archaeology Society*, 25 jul. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3bUzCli>>.

do escopo que nosso assunto permite, procuramos abordar as questões relacionadas ao povo árabe e sua situação, mas com um apelo a que entendam a cosmovisão bíblica que adotamos e por que isso faz diferença para o futuro de todos nós.

Existem, é claro, centenas de livros que já foram publicados sobre Israel (muitos dos colaboradores desta obra escreveram alguns deles), mas onde é que se pode separar fato e ficção nesta abundante literatura escrita a partir de diversas, e muitas vezes opostas, perspectivas? Estamos realmente obtendo os fatos sobre esses assuntos de importância internacional ou apenas circundando fontes orientadas por um certo interesse? Mike Evans, autor de best-sellers e fundador do Friends of Zion Museum em Jerusalém, ressalta esse problema. Ele relata que certa vez perguntou a um chefe de equipe o que determina quando as guerras começam e terminam. Ele disse que esse funcionário sussurrou em seu ouvido: “A mídia”.²

Hoje, ouvimos acusações do mais alto cargo dos EUA em relação a “fake news”, narrativas que são amplamente criadas para servir a um determinado objetivo (geralmente político). O problema com essas “notícias falsas” é que a pessoa comum que depende da internet ou da televisão, ou mesmo do jornal (sim, alguns ainda os leem), para lhe fornecer informações diárias sobre as questões do Estado não tem motivos para suspeitar se está sendo manipulada

2 Mike Evans, “Donald Trump – ‘Holy Ground’”, *CBN News*, 2 set. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/39WgrWG>>.

por desinformação. O problema, no entanto, como observou o antigo filósofo grego Tucídides, é que “a maioria das pessoas não se esforça para descobrir a verdade das coisas, mas acredita na primeira coisa que ouve”. O público não pode ser criticado por isso, porque muitas pessoas não estão equipadas para reconhecer notícias falsas nem têm meios próprios para combatê-las.

Às vezes, o problema não é a notícia falsa, mas não ter nenhuma notícia sobre questões relevantes. Costumo encontrar notícias mais importantes sendo veiculadas na parte inferior da tela de algumas transmissões de notícias televisivas do que na programação planejada. Mesmo quando as notícias são entregues com precisão, elas ainda são apresentadas de maneira seletiva, para que o quadro completo dos eventos, especialmente no Oriente Médio, não seja noticiado pela imprensa e, portanto, desconhecido pelo público. Um exemplo histórico disso é a perseguição judaica que ocorreu nos países árabes e a subsequente expulsão e dispersão de 850 mil refugiados judeus dessas terras como consequência da votação da partilha da ONU em 1947.³

Muitas publicações se concentraram exclusivamente em uma situação semelhante que existia para o povo árabe no Oriente Médio, e, embora sua situação deva ser conhecida, o exílio judeu forçado não deve ser esquecido. Os holofotes

3 Sobre esse assunto, ver Maurice M. Roumani, *The Case of the Jews from Arab Countries: A Neglected Issue* (Jerusalém: Alpha Press, 1975) e “The Forgotten Refugees” em Paul R. Wilkinson, *Israel Betrayed: The Rise of Christian Palestinianism* (San Antonio, TX: Ariel Ministries, 2018), p. 285-292.

da mídia de hoje concentram-se frequentemente em Gaza e na resistência palestina à ocupação israelense (apesar do fato de que em 2005 Israel se separou de Gaza e que Gaza tem autonomia palestina sob um governo palestino eleito desde 2006), enquanto ao longo da costa perto de Damasco, na Síria, temos Yarmouk, o local do maior campo de refugiados palestinos no Oriente Médio. Aqui, uma população de cerca de 200 mil palestinos foi bombardeada, expulsa de suas casas e morta de fome pelo exército sírio e por grupos islâmicos. Em 2018, a população do campo estava entre 100 e 200 palestinos.⁴ O sofrimento nesse campo de extermínio literal é uma “catástrofe” humanitária (do árabe *nakba*, o termo usado pelos palestinos para a declaração do Estado de Israel em 1948), no entanto, dificilmente foi ouvido pela comunidade internacional.⁵

Da mesma forma, foi observado que o número de mortos em um único dia do conflito sírio é maior do que o de todas as guerras e conflitos entre Israel e o mundo árabe juntos! No entanto, essas comparações nunca são feitas na mídia convencional porque o problema não é estritamente uma questão humanitária, mas uma agenda política contra o Estado judeu, e é considerado politicamente correto retratar Israel e apenas Israel como a fonte de todo o conflito e sofrimento na região.

4 Aviel Schneider, “Nobody Talks About the Second Nakba”, *Israel Today*, 1 set. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2wyQjT7>>.

5 Joseph Klein, “World Silent as ISIS Slaughters Palestinians”, *FrontPage Magazine*, 9 abr. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2umo3CA>>.

Em nosso tempo, também surgiu uma “intifada online” de terroristas e grupos de ódio que usam as mídias sociais para incitar a violência contra Israel e o povo judeu em todo o mundo. Isso se tornou um problema difícil, se não impossível, de monitorar, que influenciou atos terroristas contra Israel e a comunidade judaica e afetou as percepções que a geração do milênio e a geração Z têm em relação a Israel como uma entidade negativa e até hostil. Muitos acreditam que a ampla aceitação do movimento BDS (Boicote, Desinvestimento e Sanções) nos campi universitários se deve à sua promoção através da intifada online.⁶

Então, onde podemos buscar informações objetivas sobre o conflito no Oriente Médio e as controvérsias que emergem dele – ou qualquer notícia sobre esse assunto? Primeiro, devemos tirar a ideia de objetividade completa e imparcial da mesa. Dentro de uma sociedade democrática, especialmente uma que valoriza seu direito ao livre pensamento e à liberdade de expressão, todos têm direito a sua opinião e sentem o direito de promovê-la para o bem de sua causa. Onde as opiniões divergem, a virtude politicamente correta é manter a mente aberta. Isso foi afirmado com frequência quando Brett Kavanaugh, juiz da Suprema Corte dos EUA, passou por sua audiência de confirmação em 2018. Os investigadores do Congresso perguntaram-lhe repetidamente se ele poderia abordar as decisões de

6 Para obter mais informações sobre esse assunto, ver “The Online Intifada—Social Media and Incitement”, *The Anti-Israel Agenda: Inside the Political War on the Jewish State*, ed. Alex Ryvchin (Jerusalém: Gefen Publishing, 2017), p. 185-204.

forma imparcial e “com a mente aberta”. O que seus interrogadores queriam saber era se suas opiniões religiosas, políticas ou pessoais poderiam influenciá-lo na tomada de decisões judiciais.

Kavanaugh respondeu que basearia suas decisões na lei (um padrão objetivo fora de si) – e, nesse sentido, estaria aberto a tudo o que a lei permitir. Constitui em si mesma uma decisão (em vez de um pressuposto) de que a lei seja um padrão aceitável e objetivo, embora tenha sido criada com base nas opiniões fortes dos antepassados desta nação, que estavam reagindo à tirania que haviam experimentado sob o domínio britânico. No entanto, sem um pressuposto de algo, nenhum de nós tem um ponto de partida. Como um humorista disse: “Se você tem uma mente muito aberta, seu cérebro pode cair!”. Podemos discutir sobre nossos diferentes pressupostos, mas todos nós os temos. A pergunta será, então: qual pressuposto é o melhor ponto de partida para lidar com as complexas questões políticas, sociais e emocionais que cercam o conflito no Oriente Médio?

Os colaboradores deste livro

Como mencionado anteriormente, os colaboradores deste livro são de origem árabe, israelense, judaica, europeia e americana. Suas diferentes culturas afetam suas perspectivas e decisões diárias, mas estão unidas por uma convicção comum de que devem pesar suas visões e ações por um padrão mais elevado que substitui seus diversos contextos. Este é o pressuposto que os guia: interpretar os eventos e as questões que formam o conflito no Oriente Médio (muitos

dos quais eles experimentaram em primeira mão) a partir de um pressuposto de que as Escrituras (a Bíblia, que contém o Antigo e o Novo Testamentos) são autoritárias. Você pode não compartilhar sua convicção bíblica, mas está convidado a ouvi-la e comparar seu próprio padrão de avaliação de fatos no processo.

Leia as biografias desses colaboradores e verá que muitos vivem no contexto do conflito atual e têm uma paixão pela justiça e uma compaixão por aqueles que sofrem de injustiça. De fato, eles diriam que sua visão bíblica do mundo os obriga a pensar, sentir e agir dessa maneira. Alguns colaboradores judeus perderam membros da família no Holocausto, mas ainda tentam se reconciliar com aqueles que antes eram vistos como inimigos para promover a paz. Eles dirão que tal paz só é possível, apesar de persuasões políticas conflitantes, se os corações puderem se unir por uma convicção e lealdade comuns a Deus. Hoje, em todo o Oriente Médio, ocorre uma reconciliação espiritual, apesar de estar ocorrendo no subsolo devido à perseguição local e, portanto, passa despercebida e sem ser relatada. Quando as vidas são destruídas por conflitos religiosos e nacionais, tal mudança de coração é o único meio de alcançar uma mudança de mentalidade.

O público-alvo deste livro

Este livro é para qualquer um que se sinta desinformado a respeito do ensino bíblico sobre Israel, ou que se sinta confuso com o clima negativo que cerca o papel de Israel no conflito no Oriente Médio e com o que ouviu da mídia

ou de outras fontes. Estatisticamente, muitos jovens hoje veem o assunto de Israel com crescente desinteresse, se não com desdém. Outros que assistiram às manchetes das últimas décadas se perguntam como entender as informações conflitantes que existem por aí.

Muitos de nós que colaboramos neste livro experimentamos as mudanças dramáticas que ocorreram no Oriente Médio ao longo de várias décadas e somos capazes de falar com conhecimento em primeira mão sobre coisas que hoje são pouco conhecidas. Crescemos em uma época em que os eventos no Oriente Médio, e especialmente em Israel, nos forçaram a reconsiderar os textos antigos da Bíblia e a nos conscientizar de como esses eventos faziam parte de um plano divino para as eras. Com isso em mente, oferecemos fatos de nossa vida avaliando as evidências da cosmovisão bíblica. Acreditamos que é necessário compartilhar esse conhecimento nesta conjuntura da história, porque observamos que as gerações mais jovens adotaram perspectivas com base nos maus-tratos percebidos por outros (injustiça), como declarado em relatos populares, e, consequentemente, defenderam sua causa sem conhecimento preciso de fatos importantes que muitas vezes são ignorados.

Embora também defendamos a justiça para os oprimidos, estamos conscientes de que parte do que é chamado de opressão é na verdade o resultado de agendas políticas e não se baseia inteiramente nas atitudes reais das populações residentes. De fato, aqueles frequentemente considerados “opressores” de uma perspectiva politicamente correta fizeram parte de uma história maior de opressão, na qual

eles mesmos sofreram injustiça e continuam a fazê-lo em uma escala incomparável. Portanto, é necessário separar os sentimentos que às vezes resultam de relatos fictícios (*fake news*) de uma paixão adequada por justiça e reconciliação, com base em uma avaliação precisa dos fatos. Além disso, pesquisas realizadas entre jovens cristãos evangélicos mostraram um afastamento decidido do apoio tradicional a Israel e um desinteresse pela profecia bíblica, que é amplamente centrada em Israel. Algumas das contribuições deste livro buscam incentivar um pensamento equilibrado nessa área.

Porque queremos permitir a autoexpressão e o pensamento estruturado sobre os tópicos apresentados, fornecemos um meio para você registrar suas respostas pessoais após cada capítulo. Acreditamos que isso permitirá que você se envolva mais ativamente com os tópicos abordados e mantenha um registro de seus pensamentos à medida que eles continuam se formando sobre esses assuntos importantes.

Finalmente, é nossa esperança que as pessoas reconheçam que os problemas relacionados ao conflito no Oriente Médio só aumentarão nos dias por vir e que uma solução duradoura é inatingível apenas com o processo político. A paz que é almejada neste mundo deve começar por dentro, e não por fora. Somente uma compreensão da causa real do conflito e sua continuidade pode fornecer a base adequada para um apelo maior àquele que governa esses eventos e tem seu próprio plano para resolvê-los em perfeita paz.

INTRODUÇÃO

Por Que Devemos Pensar Sobre Israel?

MARK L. BAILEY

Quando reflito no que alguém deve pensar sobre Israel, quatro coisas me vêm à mente: uma Bíblia, um jornal, uma igreja e um telescópio. A Bíblia é onde descobrimos o que Deus pensa sobre Israel. O jornal chama a atenção para o conflito contemporâneo do Oriente Médio. A igreja vem à mente porque está um pouco dividida quanto à sua visão a respeito dos judeus e da nação de Israel. E, por último, a função de um telescópio é fazer enxergar mais claramente o que está longe – neste caso, o futuro desconhecido. Deus terminou com Israel ou a nação tem um futuro nos planos de Deus?

Bíblia – o que Deus pensa sobre Israel?

Deus se refere a Israel como “seu povo” (Dt 7.6), seu “tesouro pessoal” (Sl 135.4) e até sua “menina dos olhos” (Zc 2.8). O salmista afirma que a escolha afetuosa de Deus não foi colocada em nenhuma outra nação (Sl 147.20). Com Deuteronômio 7.6-10 como um texto central detalhando os propósitos pelos quais Deus escolheu Israel, juntamente com outras passagens que falam sobre isso, pode-se resumir que Deus escolheu Israel como o canal pelo qual o Messias viria, uma luz para as nações e um repositório da verdade.

O canal do Messias

A árvore genealógica de Jesus, o Messias, começa com a primeira promessa de que alguém viria através da raça humana e traria vitória sobre o inimigo (Gn 3.15). Dentre todas as nações do mundo, Deus escolheu uma, por meio de uma aliança com Abraão, através da qual ele traria aquele que abençoaria o mundo (Gn 12.1-3). Deus determinou ainda que ele viria por intermédio da tribo de Judá (Gn 49.8-10) e, mais especificamente, da família de Davi – a quem o trono, um lar e um reino foram prometidos, os quais nunca seriam retirados (2Sm 7.13-17). A vila em que o pastor-rei de Israel nasceria foi identificada como Belém (Mq 5.2). Até o sexo masculino do Messias foi identificado 700 anos antes de seu nascimento (Is 9.6). Embora possa ser tipológico do ponto de vista do Antigo Testamento, o milagre do Filho de Deus, nascido da virgem, trouxe o Messias encarnado ao mundo em cumprimento da profecia (Is 7.14; Mt 1.23) no momento certo para livrar o povo da maldição do pecado através de sua morte substitutiva (Gl 4.4-5). Na conhecida passagem sobre a aliança abraâmica, a “semente” prometida de Abraão são os destinatários e os canais de bênção. Eles devem ser abençoados como descendentes de Abraão e são chamados para ser uma bênção para o resto do mundo (Gn 12.2-3). Como a Bíblia declara, o modo como as pessoas respondem a essa nação escolhida determinará se são abençoadas ou amaldiçoadas por Deus (Gn 12.3).

Luz para as nações

Conforme prometido na aliança abraâmica, é por meio da semente de Abraão que as bênçãos virão ao mundo. A missão de Deus sempre foi para o mundo conhecê-lo como Deus. Isaías 42.6-7 registra estas palavras ditas a Israel:

Eu, o SENHOR, o chamei para justiça; segurarei firme a sua mão. Eu o guardarei e farei de você um mediador para o povo e uma luz para os gentios, para abrir os olhos dos cegos, para libertar da prisão os cativos e para livrar do calabouço os que habitam na escuridão.

Em Isaías 49.6 Deus disse: “Para você é coisa pequena demais ser meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que eu guardei. Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra”. A atividade salvadora de Deus em Israel foi projetada para transformar o povo em seus servos, a quem o mundo pudesse ouvir as boas novas e ser salvo.

Malaquias 1.1-5 revela que o amor eletivo de Deus a Israel, em contraste com Edom, era para que o Senhor fosse magnificado além das fronteiras de Israel. Esse é um tema repetido em toda a Bíblia Hebraica. Na narrativa do Êxodo, Moisés disse ao faraó que Deus estava enviando as pragas para “que o meu nome seja proclamado em toda a terra” (Êx 9.16). Deus informou a Moisés que ele estabeleceria Israel para que “todos os povos da terra [vejam] que vocês são chamados pelo nome do SENHOR” (Dt 28.10, NAA).

Josué disse a Israel que Deus secou as águas do Jordão “para que todos os povos da terra saibam que a mão do SENHOR é poderosa” (Js 4.24). Davi desafiou Golias para que os resultados de sua morte fossem para que “toda a terra [saiba] que há Deus em Israel” (1Sm 17.46).

Salomão orou para que a atenção de Deus às orações dos estrangeiros que viviam dentro das fronteiras de Israel fosse um testemunho “a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome e te temam, como faz Israel, o teu povo” (1Rs 8.43). Os salmistas oraram que “todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o SENHOR” (Sl 22.27), “para que sejam conhecidos na terra os teus caminhos, ó Deus, a tua salvação entre todas as nações” (67.2), e que “sejam abençoadas todas as nações por meio dele” (72.17). Em Isaías, Deus disse: “Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a minha salvação até os confins da terra” (49.6). Jeremias previu um tempo em que “as nações” ouviriam tudo de bom que Deus faz por Jerusalém e, como resultado, exibiriam medo e tremor (33.9). A escolha de Israel não foi redentora apenas para Israel, mas também foi missional ao propagar as possibilidades de bênção para as nações.

Repositório da verdade

Deus se revelou na Lei, nos Profetas e nos Escritos das Escrituras Hebraicas, todos projetados para levar as pessoas a Jesus, o Messias (Lc 24.44). Todas as três partes registram as palavras e obras de Deus em suas relações com Israel como únicas entre as nações. Como povo escolhido de Deus, Is-

rael era um povo privilegiado, confiado com os “oráculos de Deus” (Rm 3.1-2, NAA). Paulo, em seu tratado sobre os propósitos de Deus para Israel, escreveu: “... Deles é a adoção de filhos; deles são a glória divina, as alianças, a concessão da Lei, a adoração no templo e as promessas. Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de tudo, bendito para sempre! Amém” (Rm 9.4-5). Israel não foi escolhido para servir apenas como um depositário para manter a verdade, mas como um repositório para transmitir a verdade a seu próprio povo, bem como a todos os outros. Gerald McDermott, em sua descoberta do papel de Israel, escreveu:

Um dos meus momentos de “Ah!” foi o dia em que comecei a ver um padrão para a história bíblica nos dois Testamentos. O padrão se move do particular para o universal. Deus usa o particular (uma pessoa ou pessoas em particular) para trazer bênção ao universal (o mundo). No Antigo Testamento, Deus usa um homem em particular (Abraão) e seu povo (os judeus) para trazer bênçãos a seus vizinhos e ao mundo (o universal).¹

Deus queria um povo que fosse uma vitrine para sua graça redentora e seu julgamento justo. Eu amo como nossos amigos do ministério ONE FOR ISRAEL colocaram isso em seu site: Deus queria uma nação como “carro-chefe”,

1 Gerald R. McDermott, *Israel Matters: Why Christians Must Think Differently About the People and the Land* (Grand Rapids, MI: Baker Publishing Group, 2017), p. 46.

que fosse um exemplo para o mundo – não em como eles se comportam, mas de como ele se comporta.²

Jornal – o que é o conflito permanente no Oriente Médio?

Estados e governos que emergem de guerras frequentemente lutam pela legitimidade no país e no exterior. Não é necessário escutar muito tempo ou ler muito amplamente para se expor às narrativas concorrentes sobre identidade, legitimidade e segurança no território costeiro oriental do Mediterrâneo. A narrativa moderna pode ser brevemente resumida da seguinte forma.

As reivindicações da terra por Israel estão religiosamente enraizadas na promessa a Abraão e seus descendentes. Essa promessa foi descrita em passagens como Gênesis 15.18-21, Números 34.1-12 e Josué 1.4. A terra também era o local dos antigos reinos de Saul, Davi e Salomão, que mais tarde se dividiram nos dois reinos de Israel e Judá. Juntamente com o argumento da posse e continuidade históricas vêm os argumentos políticos, que incluem o direito natural da autodeterminação – a necessidade de uma pátria judaica para a preservação de um povo, sua língua, cultura, proteção e reconhecimento internacional, especificamente a Declaração de Balfour, de 1917, e a Resolução 181 da ONU, em 1947.

2 “Why Did God Choose Israel?” Disponível em: <<https://www.oneforisrael.org/bible-based-teaching-from-israel/why-did-god-choose-israel>>.

Aqueles que são chamados palestinos afirmam que a terra é deles em virtude de sua residência contínua e do fato de serem a maioria demográfica até a guerra de 1948. Enquanto Israel usa a Declaração de Balfour de 1917 em apoio à sua legitimidade na região, os palestinos argumentam que a Declaração não foi implementada como condicionada e partes dela foram ignoradas por Israel, especificamente a seção que diz o seguinte:

O governo de sua Majestade vê de forma favorável o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu e fará todo o possível para facilitar o cumprimento desse objetivo, ficando claro que *nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judias existentes na Palestina* ou os direitos e condição política desfrutados pelos judeus em qualquer outro país.³

O argumento religioso dos palestinos também remonta a Abraão – eles argumentam que, como Ismael era o primeiro filho, o direito à herança deveria ser deles. Outras vozes no mundo árabe remontam às origens dos filisteus da época da Bíblia, que existiam na região antes dos israelitas conquistarem a Terra Prometida.

Desde a Guerra da Independência, em 1948, Israel garantiu suas fronteiras através de sucessivas guerras, incluín-

3 “The Balfour Declaration”, ênfase acrescentada. Disponível em: <<https://sourcebooks.fordham.edu/mod/balfour.asp>>.

do a Guerra dos Seis Dias, em junho de 1967, durante a qual conquistou o controle da península do Sinai, da Cisjordânia, da Faixa de Gaza e das Colinas de Golá. Na Guerra do Yom Kippur, em 1973, Israel assumiu mais território na Síria e no Egito. Continua a haver um conflito contínuo entre judeus e árabes sobre o direito de Israel à existência e suas fronteiras, e se uma solução de um ou dois Estados é mais ideal.

A solução de dois Estados, que forneceria Estados independentes de Israel e Palestina na região, tem sido a opção preferida desde os dias do Mandato Britânico. No entanto, a história mostrou que uma solução de dois Estados parece não ser iniciada por causa da persistente oposição árabe à ideia de um Estado judeu soberano independente, bem como a falta de consenso sobre:

- onde estabelecer as linhas de fronteira;
- quem controlaria Jerusalém;
- quais direitos os refugiados palestinos teriam;
- quantos assentamentos judaicos são permitidos em territórios disputados; e
- a segurança militar necessária para a sobrevivência de Israel.

A solução de um Estado propõe resolver o conflito estabelecendo um Estado israelense-palestino confederado que abrange todos os territórios da região – territórios atualmente divididos. Duas versões diferentes foram adiante: a primeira é uma democracia verdadeira e única, na qual os muçulmanos árabes superam os judeus, eliminando efeti-

vamente o Estado judeu. A segunda sugere que Israel anexe a região e force um grande número de palestinos a deixar ou negar o direito de voto. A maioria rejeita essa solução por violar seriamente os direitos civis dos habitantes. É por isso que nem a solução de um ou dois Estados prevaleceu. O conflito continua, muitas vezes resultando em atos de agressão isolados ou mais altamente organizados, com as esperadas respostas defensivas daqueles que estão sob ataque.

Igreja - por que há tanta diferença de opinião?

Uma recente pesquisa da LifeWay de 2017, que afere as atitudes evangélicas em relação a Israel e ao povo judeu, revela um cenário instável.⁴ Embora os resultados sejam geralmente favoráveis, existe a preocupação de que alguns da geração mais jovem não sejam tão positivos em relação a Israel quanto seus pais. Talvez isso aconteça porque o Holocausto e o renascimento do Israel moderno em 1948 estão ainda mais no retrovisor para as gerações mais jovens.

Na conferência de imprensa que divulgou os resultados da pesquisa – realizada em 4 de dezembro de 2017, no National Press Club, em Washington, D.C. – Joel Rosenberg fez a seguinte declaração:

Os *millennials* estão enviando à igreja uma mensagem preocupante. No momento, eles não são contra Israel. De modo nenhum. Mas a pesquisa deixa claro que mui-

⁴ Para obter os resultados e o resumo da pesquisa, ver Darrell L. Bock e Mitch Glaser, eds., *Israel, the Church, and the Middle East* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2018), p. 228-256.

tos deles realmente não entendem o lugar de Israel na narrativa bíblica. Assim, seu apoio a Israel é quase vinte pontos menor que o de seus pais e avós. Agora, extrapole isso daqui para frente. A menos que a igreja dê aos crentes mais jovens uma compreensão saudável, sólida e equilibradamente bíblica do amor e do plano de Deus para Israel, o apoio evangélico geral ao Estado judeu poderia muito bem despencar na próxima década, já que a geração do milênio representa uma porcentagem cada vez maior do corpo geral da igreja.⁵

Com a percepção generalizada de que Israel conseguiu vencer decisivamente suas guerras e se estabelecer como uma economia de primeiro mundo, as preocupações com a situação dos palestinos ganharam muita cobertura da imprensa e simpatia por assumir que eles são um povo sem lugar e perseguido. Parte do objetivo deste livro é fornecer uma perspectiva bíblica de Israel – seu passado, presente e futuro – e, ao mesmo tempo, promover uma perspectiva bíblica de justiça, retidão e paz para todos. Seja judeu ou árabe, ou de alguma outra etnia, toda pessoa foi criada à imagem de Deus, é objeto do amor de Deus e, portanto, é candidata ao evangelho.

Sem dúvida, a mudança na percepção também foi alimentada por uma crescente influência da teologia da substituição, ou supersessionismo. Essa é a visão de que a igreja do Novo Testamento substitui, suplanta ou cumpre o lugar

5 Ibid., p. 230.

de Israel no plano de Deus. Michael J. Vlach, em seu livro *A Igreja Substituiu Israel?*, escreve:

O supersessionismo [...] parece basear-se em duas crenças fundamentais: (1) a nação Israel de alguma forma completou ou perdeu sua condição de povo de Deus e nunca mais terá um papel ou função exclusiva à parte da igreja e (2) a igreja agora é o verdadeiro Israel que suplantou ou substituiu permanentemente o Israel nacional como o povo de Deus. No contexto de Israel e da igreja, o supersessionismo é a visão de que a igreja do NT é o novo e/ou verdadeiro Israel que substituiu para sempre a nação de Israel como povo de Deus.⁶

Em resposta, os colaboradores deste livro concordam com a conclusão de Scot McKnight de que “a teologia da substituição é uma doutrina não bíblica que viola declarações claras no Antigo e no Novo Testamentos que ensinam e confirmam a salvação e restauração nacional de Israel”.⁷

Os supersessionistas espiritualizam as promessas de terra feitas a Israel e as tornam aplicáveis à igreja mundial. Embora a missão da igreja certamente inclua todas as nações, isso não precisa invalidar o significado particular e especial da terra para Israel. O silêncio do Novo Testamento so-

6 Michael J. Vlach, *Has the Church Replaced Israel?* (Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2014), p. 12.

7 Ver os 12 argumentos de Scot McKnight contra o supersessionismo. Scot McKnight, “Supersessionism Is Not Biblical”. Disponível em: <<http://www.patheos.com/blogs/jesuscreed/2012/05/07/supersessionism-is-not-biblical>>.

bre promessas de terra não é uma evidência conclusiva em apoio àqueles que sustentam que a terra não é um fator na era do Novo Testamento. Digno de nota é o fato de 80% dos entrevistados hoje acreditarem que a promessa de Deus a Abraão inclui a preservação do povo judeu, incluindo seu direito final à terra que lhes foi dada.⁸

Telescópio - existe um futuro para o Israel étnico?

Em contraste com a visão supersessionista, os colaboradores deste livro argumentarão que o termo *Israel*, seja em textos históricos ou proféticos das Escrituras, sempre se refere ao Israel étnico. Enquanto a primeira seção deste capítulo tratou da natureza e dos propósitos da escolha de Deus por Israel historicamente, esta seção final olha para o futuro. A Bíblia inteira está repleta de passagens que apresentam Israel e especialmente Jerusalém como o centro geográfico dos eventos do fim dos tempos. Esses eventos incluem a reunião e restauração de Israel, a segunda vinda de Cristo e seu reinado messiânico terreno.

O Reagrupamento de Israel

O que Deus planejou para o futuro de Israel está de acordo com sua contínua autorrevelação para as nações. De acordo com Isaías 11.12, era prevista uma reunificação e um reagrupamento de Israel: “Ele erguerá uma bandeira para as nações a fim de reunir os exilados de Israel; ajuntará o povo disperso de Judá desde os quatro cantos da terra”. Da

8 Bock e Glaser, eds., *Israel, the Church, and the Middle East*, p. 231.

mesma forma, Jeremias 30.3 promete: “‘Certamente vêm os dias’, diz o SENHOR, ‘em que mudarei a sorte do meu povo, Israel e Judá, e os farei retornar à terra que dei aos seus antepassados, e eles a possuirão’, declara o SENHOR”.

A promessa de Deus de um futuro para o povo e a terra de Israel não significava que os habitantes morariam lá sem interrupção. De fato, várias passagens da Bíblia apresentam a advertência de Deus de que a desobediência pode significar servidão a nações estrangeiras e até longos períodos de exílio e dispersão.⁹ No entanto, com a advertência da disciplina veio o compromisso tranquilizador da aliança de Deus, como exemplificado em Levítico 26.44-45: “Apesar disso, quando estiverem na terra do inimigo, não os desprezarei, nem os rejeitarei, para destruí-los totalmente, quebrando a minha aliança com eles, pois eu sou o SENHOR, o Deus deles. Mas por amor deles eu me lembrarei da aliança com os seus antepassados que tirei da terra do Egito à vista das nações, para ser o Deus deles. Eu sou o SENHOR”.

Alguns sustentam que a reunião do povo judeu da Babilônia foi o cumprimento dessas profecias. No entanto, duas observações devem ser feitas. Primeiro, Isaías 11.11 diz que eles serão reunidos “pela segunda vez”. A reunião da Babilônia foi a primeira vez que voltaram à terra. E segundo, Isaías 11.12 diz que eles seriam reunidos “desde os quatro cantos da terra”. Isso não pode se referir à reunião da Babi-

9 Levítico 26.33; Deuteronômio 4.25-28; 28.58-68; 1Reis 14.15; Neemias 1.8; Salmo 44.11; 106.27; Jeremias 9.16; 16.15; 18.17; 23.8; 30.11; Lamentações 4.16; Ezequiel 5.10; 11.16; 12.15; 20.23; 22.15; 36.19; Zacarias 2.6; 7.14; 10.9.

lônia, que era de apenas um país. Então, um evento futuro estava em mente. A preservação de Israel durante suas dispersões também foi profetizada – em Jeremias 31.35-37, Deus disse que a nação judaica permaneceria intacta enquanto o sol, a lua e as estrelas estivessem ao redor.

As promessas de um retorno final também são registradas em várias passagens¹⁰ e incluem claramente a terra como parte da restauração. Por exemplo, Ezequiel 11.16-17 declara: “Portanto diga: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Embora eu os tenha mandado para terras muito distantes entre os povos e os tenha espalhado entre as nações, por breve período tenho sido um santuário para eles nas terras para onde foram. Portanto, diga: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Eu os ajuntarei dentre as nações e os trarei de volta das terras para onde vocês foram espalhados e devolverei a vocês a terra de Israel” (ver tb. Am 9.14-15). Surpreendentemente, Ezequiel 39.27-28 promete que nenhum dos israelitas seria deixado para trás quando Deus realizasse a reunião final de seu povo.

Ezequiel 37.11-14 não deixa dúvidas de que o povo judeu será reunido de todo o mundo para a terra de Israel antes que o Espírito seja colocado dentro deles. Assim, a atual falta de fé em Deus em Israel está em perfeita harmonia com a condição descrita em Ezequiel 37. No entanto, Ezequiel continuou declarando que um dia brilhante está chegando para o povo de Israel, espiritual e fisicamente –

10 Deuterônimo 4.29-30; 30.4; Isaias 11.11-12; 27.12; 43.5; 54.7; 56.8; Jeremias 29.14; 31.8,10; 32.37; Ezequiel 11.17; 20.34,41; 28.25; 34.13; 36.24; 37.21; 39.27-28; Sofonias 3.20.

um dia em que ele estará redimido de todas as suas peregrinações (Ez 11.17-21; 36.24-28). Ele retornará seu foco ao seu Senhor, e o propósito para o qual foi originalmente designado – levar as outras nações ao conhecimento do Senhor – ocupará o centro do palco (Zc 12.10).

A salvação de Israel

No Novo Testamento, Romanos 11.28-29 é uma passagem-chave que indica a posição contínua da aliança abraâmica e suas promessas para Israel. “Quanto ao evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas, quanto à eleição, são amados por causa dos patriarcas, pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis.” Mesmo na incredulidade, Israel continua sendo o escolhido, e as bênçãos que vieram com essa escolha são permanentes. Em Romanos 11, Paulo afirmou que a rejeição de Israel não é completa por conta de um remanescente de crentes (v. 5). A rejeição não é final; chegará o dia em que todo o Israel será salvo (v. 26).

A dureza e a cegueira da nação eram parciais porque nem todo israelita se recusava a acreditar (v. 25). Além disso, a rejeição de Jesus pelos judeus é temporária, pois durará até que a plenitude dos gentios seja cumprida (v. 25). Paulo argumentou com base em Isaías 59.20-21 que a conversão de Israel viria pela fé no Messias, que virá de Sião e os salvará de acordo com a aliança que ele tem com eles (v. 26-27).

Buscando maior clareza

É importante pensar em Israel pela forma como Deus escolheu o povo, o preservou e fez promessas para ele. Deus

cancelou suas alianças? Ele as cumpriu em Jesus Cristo? Ou transferiu as alianças para a igreja? Existem argumentos coesos em resposta àqueles que acreditam que esse último cenário é o caso? Israel tem o direito legítimo de possuir a terra mesmo em sua descrença? Quem deve ter o direito de governar Jerusalém hoje? Como um crente deve responder ao clima político em torno do Oriente Médio? Qual é a resposta justa tanto para os judeus quanto para os árabes palestinos na região, e que responsabilidade se tem com as comunidades cristãs de ambos? As tradições étnicas mantidas nas congregações de crentes ajudam a unir ou tendem a dividir a igreja?

Esses são apenas alguns dos tópicos que abordaremos nos capítulos a seguir. Que possamos orar juntos pela paz de Jerusalém (Sl 122.6) e proclamar Jesus Messias como Senhor (2Co 4.5) e a nós mesmos como servos de outros por causa de nosso Salvador!



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

Você recebe notícias regularmente sobre Israel, mas, além das muitas opiniões e preconceitos, você realmente sabe como agir diante dos conflitos e controvérsias no Oriente Médio?

O Que Devemos Pensar Sobre Israel? expõe os principais problemas atuais e fornece fatos objetivos e apurados para ajudá-lo(a) a aprender a verdade sobre o passado, presente e futuro de Israel. Esta compilação de especialistas, incluindo Walter C. Kaiser Jr., David Brickner, Mitch Glaser, Michael L. Brown, Arnold G. Fruchtenbaum e Michael J. Vlach, ajudará você a responder às seguintes perguntas difíceis:

- Qual é a história dos conflitos e sofrimentos que continuam nos territórios israelenses e palestinos – e quais são as possíveis soluções?
- Os judeus são um povo escolhido? E aqueles que se tornam cristãos?
- Por que, 70 anos depois, o Holocausto ainda é tão importante?
- O que é o movimento Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS)?
- O que está sendo feito para restaurar as relações entre judeus e árabes?

Aprenda com estudiosos respeitados a como superar os debates acalorados e discernir por si mesmo o que é importante saber sobre Israel e como isso afeta você hoje.

ISBN 978-65-990601-8-2



9 786599 060182